

Egreja ou real capella de Nossa Senhora da Lapa, no Porto

Em 1753 chegou ao Porto o reverendo Angelo de Siqueira, missionario e protonotario apostolico, natural da cidade de S. Paulo, no Brasil.

Era elle um missionario exemplar e intrepido, que tinha a consciencia da occulta força que a mão do Omnipotente lhe implantára no seio para lhe grangear cultos; era um paulista inesgotavel de perseverança, peregrinando o mundo como se fôra um pequeno parque, edificando aqui um templo, além um hospicio, sem fixar a sua tenda em parte alguma, e revelando toda a actividade, previsão, confiança e inspiração do homem de genio que vê em todo o obstaculo um inimigo a esmagar. Não conhecia noite; uma estrella de eterno brilho lhe aclarava incessantemente a espinhosa senda que escolhêra. Não saboreava remansos; julgava o seu organismo tecido de uma fibra metallica de tempera que nenhum clima ou trabalho valia a enervar.

Os seus actos eram tocados de acceleração inaudita; as suas fallas vivificadas de grande fé; prompto a tomar a qualquer hora o seu bordão de romeiro, caminhava direito á consummação da sua obra, deslembrando o mundo n'uma penumbra onde a sua celeste alampada pouco ou nada lhe mostrava.

O seu muito zelo pela casa de Deus, ajudado do espirito religioso dos portuenses, lhe fez conceber a idéa da fundação de uma capella com a invocação da *Senhora da Lapa das Confissões*, e de um hospicio onde elle e mais alguns sacerdotes se podessem empregar no ministerio do confessionario.

Depois de ter requerido ao senado da camara a concessão de algum terreno para esse fim, que obteve no fragoso monte de Santo Ovidio, então deshabitado e de aspecto funebre, no dizer de um documento contemporaneo, mandou o piedoso missionario esculpir a imagem de Nossa Senhora, a qual foi benzida a 5 de fevereiro de 1754 no oratorio do ill.mo D. Lourenço de Amorim, e n'esse mesmo dia conduzida em procissão para o convento de Santa Clara. Observando o bom do missionario o quanto a sua idéa fôra bem acolhida pelos devotos habitantes da cidade da Virgem, e ancioso de aproveitar aquelle fervor sempre crescente do povo, pediu ao senado, em 30 de novembro do mesmo anno, licença para edificar fóra do terreno que lhe fôra concedido, e em quanto não vinha a confirmação régia da doação de todo elle, uma capellinha para onde trasladasse a tão veneranda e venerada imagem.

Obtida a licença em 30 de dezembro seguinte, deu-se pressa o reverendo presbytero em lançar a primeira pedra, o que se verificou em 7 de janeiro do anno 55, e logo a 10 do seguinte março foi a imagem da Se-

nhora trasladada em procissão e com grande pompa do convento de Santa Clara para a sua capella, com a assistencia do bispo do Porto e de todo o clero e nobreza da cidade. N'essa mesma occasião, e como por encanto, o hospicio appareceu feito conjuncto á capella, e as suas portas eram abertas ao desconhecido viandante que a qualquer hora do dia ou da noite tocasse á sineta.

Uma bulla do santo padre Benedicto XIV creou em 29 de julho d'esse mesmo anno a irmandade de Nossa Senhora da Lapa. Como a devoção augmentasse e a capella fosse pequena para a reunião dos devotos, resolveu-se então edificar com as esmolas dos fieis um grande templo (o actual), cuja primeira pedra foi lançada em 17 de julho de 1756, construindo-se tambem com o producto das mesmas dez pequenas moradas de casas em sitios não mui distantes d'alli e que ficaram sendo o unico patrimonio estavel da egreja.

O risco primitivo parece ter sido dado por um architecto chamado Stovel.

As obras marcharam lentamente. As grandes obras de architectura raramente são levadas a effeito pela iniciativa e pelos esforços de um só individuo. São, como diz V. Hugo, o sedimento que deixa uma nação; as amontoações feitas pelos seculos, o residuo das evaporações successivas da sociedade humana.

Os grandes monumentos de Roma, do Egypto e da India foram elaborados mui de espaço. Como nos corpos organisados, a lentidão no desenvolvimento é a diuturnidade do edificio. Dois ou tres seculos de elaboração são uma curta infancia para esses gigantes de granito fadados a viver eras sem fim.

Se juntarmos a isto a influencia que exerce sobre a physionomia de todo o monumento em construcção o irresistivel progresso da arte, a mudança inevitavel dos directores das obras e a vontade individual que por vezes alli se vae incrustar, ora como parasita destruidor, ora como ornato deslocado, umas vezes como phantasia, outras como excrescencia, e quasi sempre como origem de deformidades futuras, seremos obrigados a confessar que toda a edificação tem o seu ponto de contacto com Babel.

A egreja de que nos occupâmos não foi isenta d'essas influencias, e teve tambem o seu momento de confusão de linguas.

Decorridos apenas tres annos, notando a mesa as grandes irregularidades e defeitos da obra construida, resultantes da imprudencia que houvera em escutar a vontade de todos e em se ter abandonado o primeiro risco de Stovel, resolveu, em 2 de agosto de 1759, mandar fazer nova planta pelo architecto José de Figueiredo e Seixas para obviar de algum modo áquelles desaires. Por esses tempos o padre Angelo de Siqueira, o indefesso promotor d'essa vasta fabrica, dando por cumprida a sua alta missão, encarregou a irmandade dos cultos quotidianos, partindo em seguida para a Bahia e d'alli para o Rio de Janeiro, onde falleceu nonagenario a 7 de setembro de 1776.

Era, como dissemos, natural da cidade de S. Paulo, conego de cathedral da mesma cidade, e presbytero do habito de S. Pedro.

Em 30 de abril de 1780, estando apenas concluida a capella-mór, foi a imagem da Senhora para alli trasladada, com grande solemnidade, da pequena capella construida em 1755, e da qual ainda existem vestigios nas casas annexas á nova egreja. Por provisão de 22 de dezembro de 1764 recebeu esta irmandade a graça de ser tomada sob a real protecção do infante D. Pedro III, fazendo-a do padroado da serenissima casa do infantado e permittindo-lhe collocar as armas reaes no frontispicio da egreja, e por outra provisão datada em Lisboa aos 31 de maio de 1792 lhe foi confiada a edificação de um novo seminario para ensino da mocidade.

Este vasto templo, situado ao norte da cidade, e cuja fachada é de granito lavrado, tem creditos de ser o mais magestoso do Porto. Nós encontrámos no seu interior algum tanto da simples magestade do armazem, bem como no seu exterior algum tanto da magestosa simplicidade da pedreira. Se em alguma coisa sobreleva os outros, é sómente nas suas vastas dimensões, sendo no resto inferior a S. Bento, á cathedral, aos clerigos e a S. Francisco.

Este ultimo é uma admiravel fabrica do tempo de D. João I, e por sem dúvida o mais bello e sumptuoso da cidade. É á real capella de Nossa Senhora da Lapa que os membros da real familia portugueza se dirigem a fazer oração todas as vezes que visitam o Porto. Na capella-mór da egreja e do lado do Evangelho avulta o mausoléo, obra do architecto Lima, em que se acha encerrado o coração magnanimo do rei-soldado, e cuja gravura e descripção póde o leitor ver no vol. IV, pag. 81, d'este *Archivo*.

O risco para a conclusão das torres foi dado pelo sr. José Luiz Nogueira, e approvado pela mesa em 2 de dezembro de 1850.

Parece-nos obra de uma trivialidade chata e importuna. Tanto anno, tanto dinheiro e tanta pedra gasta em se fazer o que já mil vezes estava feito e mil vezes visto! Sem saber pelo quê, desejaramos ver esses campanarios rematados por duas audazes e esplendidas agulhas; por alguma coisa de elegante, de bello, de eloquente e de novo para nós, que neutralisasse a monotonia das nossas torres.

As agulhas, além de serem de um bello effeito, são mui proprias para remate do templo christão, porque mergulham no firmamento como um pensamento religioso, porque fazem convergir para o infinito as preces e as aspirações mais puras do espirito dos fieis.

A irmandade possue custosas alfaias e costuma fazer sair em procissão annualmente a imagem da Senhora, bem como annualmente celebra pomposas exequias por D. Pedro IV, para o que tem um fundo especial.

Contiguo á egreja está o collegio para instrucção da mocidade, cujo director é obrigado a mandar ensinar gratuitamente o latim, o portuguez e o francez a 24 filhos de irmãos pobres.

Não longe da egreja está a formosa alameda, guarnecida de assentos de pedra e bem sombreada de arvoredos, onde annualmente se fazem os dois concorridissimos arrayaes de S. João e Senhora da Lapa. Está collocada em sitio elevado, e goza-se d'alli um soberbo panorama.

É pela parte posterior da egreja que está situado o cemiterio, o mais rico da cidade em mausoléos, porém inferior em dimensões, menos regular e menos imponente que o do Repouso.

Data de 24 de julho de 1833 a portaria que concede licença para a sua construcção.

N'uma lapida que fica sobre o portão da entrada tem esculpidos os seguintes bellos versos:

«Eis ossos carcomidos, cinzas frias
Em que param da vida os breves dias;
Mortal, se quanto vês te não abala,
Ouve tremenda voz que assim te falla:
—Lembra-te, homem, que és pó e que d'est'arte
Em pó ou cedo ou tarde has de tornar-te.—»

Distinguem-se alli pela belleza dos marmores de que são construidas, e pelo bom gosto da sua architectura, as capellas dos srs. Joaquim Pinto Leite, viuva Barbosa e visconde de Pereira Machado.

Entre as sepulturas que alli existem, apontaremos logo á entrada a do sabio jurisconsulto José Ferreira Borges, auctor do *Codigo commercial portuguez*, a do bispo do Porto D. Fr. Manuel de Santa Ignez, a quem o cabido negou sepultura no carneiro destinado aos bispos por D. Manuel não ter sido sagrado, e a d'esse

tão chorado poeta, para embalsamar a memoria do qual os corações ainda se não cançaram de distillar lagrimas, nem os jardins de produzir flores.

Fallâmos — o leitor já o adivinhou por certo — do saudoso cantor do *Noivado do sepulchro*.

A sua sepultura está situada no topo do cemiterio de cima, cercada por uma grade de ferro, em cujos varões se entrelaça solicita, mas só, mas ciosa do seu amoroso enlevo, a flor symbolo do soffrimento, cuja côr diz melancolia, cujos orgãos floraes dizem supplicio, angustias, suores, a mais sympathica, a mais pensativa, a mais triste, a mais adoravel de todas as gemmas caídas do cabaz da natureza — o martyrio!

Uma pequena lapida de marmore contém este simples epitaphio:

Aqui jaz
Antonio Augusto Soares de Passos
Nasceu a 27 *de novembro de* 1826
Falleceu a 8 *de fevereiro de* 1860.

«Aqui cinzas escuras
Sem vida, sem vigor, jazem agora;
Mas esse ardor que as animou outr'ora
Voou nas azas d'immortal aurora
A regiões mais puras.
Não, a chamma que o peito ao peito envia
Não morre extincta no funereo gelo;
O coração é immenso: a tumba fria
É pequena de mais para contel-o [1].»

Em torno o cypreste, a acacia e a rosa branca, que elle amava...

«Eu amo a rosa branca das campinas,
A branca rosa que ao soprar do vento
Languida verga para o chão pendida»,

contemplam extaticos e como se fôra o leito eburneo da sua apotheose a sepultura do sublime poeta, por cuja fronte, opulenta de poesia, nunca se desdobrou um sorriso.

Não é de certo para os seus conterraneos que apontâmos o sitio onde demora esse precoce tumulo. Os montões de rosas sêccas e pequenos ramos de cypreste, que sem interrupção lhe alastram a campa desde o lugubre dia em que ella desceu sobre aquelle nobre peito, dizem bem alto que as continuas excursões dos seus amigos e admiradores ao seu tumulo, e aos quaes se associam as mais ternas beldades portuenses, estão mui longe de tocar o seu termo.

Que dor tão tocante e pathetica! que saudade tão delirante e inextinguivel! É um perenne tributo de lagrimas, um longo lucto de viuvez a que o coração não quer fugir!

Quanta piedade n'essas homenagens, n'essas saudades, n'esses suspiros, n'esses desafogos, n'essas peregrinações, n'essas flores! Elle era o poeta de todas as almas e de todos os corações; que muito se elles para alli esvoaçam de continuo!

J. PINTO RIBEIRO JUNIOR.

O BERÇO DE MALDIÇÃO

(Vid. pag. 18)

III

Vae já alta a noite, e nem o mais leve rumor se escuta nos paços da Ribeira. Tudo jaz immerso no somno, e páira profunda tristeza sobre a cidade adormecida, que ha pouco tanto foliava.

Geme sentidos queixumes o Tejo quebrando nas paredes do caes; as luzinhas mortiças, que ora aqui, ora além, se divisam no mastro de alguma nau, oscillam como os fachos na mão das feiticeiras em noite de congresso infernal.

A negra mastreação d'esse bosque denso de navios assume no seio das trevas não sei que sinistro aspecto.

Pesa sobre a cidade um silencio agoireiro.

Só o vento zune lugubremente, infiltrando-se pelas fendas das portas e uivando nas ermas escadarias do palacio de D. João III.

Não brilha uma estrella só no ceo carregado, para substituir o brilho ausente do astro fagueiro, a quem compete a soberania das noites.

Apenas um outro relampago silencioso lampeja de quando em quando e augmenta ainda, dando-lhes fórmas phantasticas, o vago terror que inspiram esses negros vultos dos navios, que tão sinistra impressão produzem no meio das sombras d'essa noite invernal.

Sente-se no ar esse peso indescriptivel, prenuncio vago da procella imminente. A natureza parece preparar-se para a tremenda lucta, mas por ora nada perturba a terrivel serenidade da terra e dos ceos.

Só os relampagos silenciosos abrem, de quando em quando, na massa escura das nuvens, um sulco de pallidas chammas, e o vento do inverno geme tristemente nas escadas sonoras dos paços de D. João III.

A essas horas n'uma janella baixa, que deitava para um dos pateos interiores do palacio, pateo para que dava entrada a porta da *varanda del-rei*, desenhava-se o perfil de um vulto de mulher.

Deram onze horas na egreja de S. Gião.

A voz austera do bronze resoou pavidamente no meio do silencio funebre d'aquella noite de tristezas. Cada pancada do martello parecia dobre de finados.

O vulto da janella baixa sentiu-se estremecer.

— Jesus, disse a voz de Ignez Mendes, nossa conhecida, já onze horas, e Gil Affonso sem vir. E que triste está a noite, meu Deus! Parece que andam as bruxas ás soltas. Vou-me rezar a ladainha da Virgem.

E, desviando-se da janella, o vulto de Ignez Mendes desappareceu.

Instantes depois, voltou de novo; trazia na mão um rosario.

Mal assomava pela segunda vez á janella, sentiu passos mansos como de quem teme ser ouvido, e viu entrar a porta do pateo, cosendo-se com a parede, um vulto airoso de capa e sombreiro, capa até ás canhas e sombreiro derrubado, que vinha em direcção ás suas janellas.

— É elle, por fim! murmurou com alegria a aia de Paula Vicente.

E era effectivamente o nosso Gil Affonso, que assim vinha, em trajo de embuçado, fallar á dama dos seus pensamentos.

— Ninguem te viu? perguntou mansinho a gentil Ignez Mendes.

— Ninguem! respondeu o afoito escudeiro.

Depois começou uma longa conversação em voz baixa, que não é para labios humanos repetil-a. Essas phrases não póde a linguagem escripta fixal-as; talvez o podesse a musica, se um murmurio mais doce do que as palavras, murmurio cujas melodias mal sabe repetil-as a harpa eólia, não viesse, de quando em quando, interromper o dialogo. O perfume d'esses requebros que labios de vinte annos entre si trocam, aspira-o a fada da noite de envolta com o aroma das rosas, com o canto do rouxinol, e com os raios da lua, porque o dialogo entre dois namorados radiantes de mocidade, é luz, é fragrancia, é melodia.

Não ha prazer que não tenha termo. O cantar do gallo acordou o escudeiro e a aia do extase em que estavam embevecidos; não o seu hymno matinal, mas

[1] Os versos d'este epitaphio são extrahidos da sua poesia *Amor e eternidade*.

o seu primeiro descante, o seu hymno nocturno. A Julieta lisbonense não podia demorar o Romeu dizendo-lhe que a luz que alvorecia o horisonte era o luar e não a ante-manhã, e não haveria amor que desculpasse o confundir-se o cantar ufano do sultão da capoeira com as suavissimas notas dos epithalamios do rouxinol.

Gil Affonso parecia que não se podia apartar do sitio querido onde passára, indifferente ás ameaças da natureza, uma hora deliciosa. Tres vezes se afastou da janella a que um encanto o captivava, e tres vezes voltou a accrescentar mais algumas notas ao amoroso duetto que ambos tinham garganteado.

— Então não vos ides, Gil Affonso? murmurou com fingido agastamento a aia de Paula Vicente ao ver o namorado aproximar-se pela terceira vez das suas janellas.

— Volto só a dizer-vos uns versos do pae de vossa ama, que hoje mesmo aprendi, porque os achei discretos e de molde para o meu caso. Cantára-os eu se estas malditas paredes m'o permittissem. Ahi vae a trova:

«Já vêdes minha partida,
Os meus olhos já se vão.
Se se parte minha vida,
Cá me fica o coração.»

— De molde vem para o vosso caso, bem dissestes, respondeu Ignez Mendes, soltando uma gargalhada argentina, mas comprimida pela prudencia. Não sabeis quem descanta essa trova na farça do sr. Gil Vicente? É Ayres Rosado, escudeiro com quem tendes muitas parecenças.

— Eu?

— Sim, vós; vêde se está certo o retrato:

«Pentear e jejuar,
Todo o dia sem comer;
Cantar e sempre tanger,
Suspirar e bocejar.»

— Ira de drago leve as trovas mais a vossa lingua afiada, diabrete por quem morro. Deixae estar, Ignez Mendes, que hei de casar na India com alguma filha de capitão-mór, ou de veador da fazenda, que nem saiba trovas de Gil Vicente, nem tenha esse genio de vivo demo.

— Figas, brazonador!

Gil Affonso, meio rindo meio desconfiado, foi-se esquivando. Embuçou-se na capa, enterrou o sombreiro até aos olhos, e dirigiu-se para a porta.

A noite estava cada vez mais escura, e os relampagos, cujo trovão ainda se não ouvia, incendiavam de quando em quando as nuvens acastelladas. Gil Affonso sentiu um calefrio correr-lhe até á medula dos ossos, e persignou-se por baixo da capa.

Ignez, relanceando os olhos para o ceo, perdêra a vontade de brincar, e mirava, cheia de um vago terror, o vulto sombrio do seu namorado, que se sumia no seio das trevas.

Viu-o atravessar o pateo e chegar á porta. N'isto, um relampago mais intenso illuminou-o em cheio. Ignez, toda trémula, pegou no seu rosario e balbuciou uma Ave-Maria. Gil Affonso ia a transpor o portal. Segundo relampago illuminou com o seu clarão livido a negra massa do palacio. Como se uma visão horrivel lhe ferisse de repente a vista, o escudeiro recuou dois passos, cambaleou, levou a mão aos olhos como que para não ver um espectaculo pavoroso, e caiu no chão como fulminado, dizendo apenas:

— Jesus!

— Jesus! repetiu Ignez caíndo de joelhos.

Dava meia-noite.

(Continúa) M. Pinheiro Chagas.

CAMBOGE OU CAMBOYA

O paiz assim denominado está situado entre os reinos de Sião e da Cochinchina. Do lado de oeste é limitado pelo golpho de Sião, e do lado do sul banha-o o mar da China, no qual vem desaguar o May-Kang, rio mui caudaloso, que atravessa todo aquelle paiz, correndo do norte para o sul. N'esta direcção tem Camboge o seu maior comprimento, que é de 800 kilometros. Na sua maior largura, que é de oeste para éste, conta 500.

Não obstante ser um paiz de costas maritimas, é ainda ao presente menos conhecido dos europeus que a maior parte das regiões do interior da Asia.

No seculo XIII um official chinez, enviado pelo seu governo em missão especial junto da corte do rei de Camboge, ficou tão maravilhado com os usos e costumes d'este povo, que os descreveu miudamente em uma larga narração que compoz da sua viagem, a qual deu á luz apenas regressou á patria.

Depois que os portuguezes, capitaneados por Vasco da Gama, devassaram os mares do Oriente, não ficou, por assim dizer, uma só ilha, nem palmo da costa da terra firme, banhadas por aquelles mares, que não fossem mais ou menos visitados por esses ousados aventureiros. Por conseguinte, durante esse brilhante periodo das nossas navegações e conquistas, o reino de Camboge não ficou desconhecido dos portuguezes. D'isto achâmos testimunho em varios escriptores que viveram n'esse mesmo periodo.

D'entre varios missionarios portuguezes, que levaram ao reino de Camboge a luz do Evangelho no correr do seculo XVI, foi um dos primeiros fr. Lopo Cardoso, religioso dominicano, que alli viveu durante alguns annos, voltando depois a Portugal, onde falleceu, reinando el-rei D. Sebastião.

Todavia, com quanto o echo d'aquellas façanhas retumbasse com força por toda a Europa, as vozes dos nossos escriptores, que as commemoravam e exaltavam, referindo as particularidades d'ellas, não soavam além das fronteiras de Portugal. Eis a razão por que os estrangeiros se conservaram por largos tempos na ignorancia de muitas coisas do Oriente, que se acham descriptas com exactidão e miudeza em livros portuguezes.

D'est'arte, figurou o Camboge para a França e outras nações européas como um paiz envolto em mysterioso véo até 1829, em que mr. Abel Remusat publicou o primeiro volume da sua obra: *Nouveaux Mélanges asiatiques*, no qual inseriu uma descripção do reino de Camboge, extrahida de obras chinezas, provavelmente d'aquella de que acima fallámos. Ao presente já este paiz é visitado de estrangeiros. O commercio, esse poderoso instrumento da civilisação, vae alli, como em toda a parte, operando os seus milagres.

A antiga capital do reino tem o mesmo nome d'este. Acha-se edificada em uma grande ilha formada por dois braços do rio May-Kang, os quaes alimentam muitos canaes, que atravessam a cidade em differentes direcções. Todas as casas são construidas de madeira. O palacio, outr'ora habitado pelos reis de Camboge, é muito vasto, mas acha-se em bastante ruina, em razão do abandono em que tem estado desde que foi transferida a capital para a cidade de Saïngong.

Dista da antiga esta nova capital 205 kilometros para o lado do sudoeste, em um porto sobre o mar da China.

Compõe-se Saïngong de duas partes distinctas, cidade velha e nova: aquella de origem antiquissima; esta construida depois da trasladação da corte para aqui. Ergue-se no coração da cidade o palacio real, grandiosa construcção de moderna data. O arsenal de marinha é um edificio magnifico, e que se acha tão

bem organisado, que dizem que rivalisa com os melhores estabelecimentos d'este genero que a Europa possue.

Na cidade nova existe uma egreja christã, administrada e servida por dois missionarios italianos.

Junto a esta parte da cidade eleva-se uma immensa fortaleza, bella obra de arte militar, construida em 1821 sob a direcção de varios engenheiros francezes.

A população de Saïngong é calculada aproximadamente em cem mil habitantes. É terra de muito commercio, e o seu porto frequentado por numerosas embarcações costeiras e navios estrangeiros.

Em geral todas as cidades do Camboge são mais ou menos fortificadas. N'este intuito usam cercal-as de estacaria de boa madeira, disposta com muita regularidade, formando com ella um grande quadrado, cujos angulos são defendidos por quatro torres construidas de pedra. Qualquer povoação, por mais pequena que seja, tem para sua defensa uma torre com gente armada encarregada de a guarnecer.

Os habitantes do paiz são de estatura pequena, com a tez geralmente acobreada, posto que se encontrem mulheres de bastante alvura. Os homens deixam crescer o cabello, atam-n'o, e usam de brincos nas orelhas como as damas. Andam mais ou menos enroupados e ataviados segundo a classe a que pertencem. Dizem que em algumas provincias do sertão andam os das classes mais pobres quasi inteiramente nus, trazendo apenas em volta da cintura uma tanga de fazenda de algodão.

Os camboyos, logo que se levantam, pela manhã cedo, costumam fazer as suas abluções, praticas religiosas de lavagem com que julgam ficar purificados. Para esta e outras praticas, ordenadas como preceito religioso, servem-se unicamente da mão direita, que



Carro e camponezes do reino de Camboge

elles consideram como pura, e impura a esquerda. O arroz é o alimento exclusivo dos pobres. A gente mais abastada faz uso de pão commummente de milho miudo, de carne assada nas grelhas, de diversas comidas temperadas com manteiga, ou creme, ou assucar.

São pouco amigos da ostentação, por isso quando casam limitam os presentes de noivado a um unico vestido que offerecem á noiva. Do mesmo modo são modestos nos funeraes. Queimam os cadaveres em fogueiras de madeiras aromaticas, e depois recolhem as cinzas em urnas fabricadas para esse fim. Os opulentos servem-se de urnas de oiro ou prata; os pobres usam d'ellas de barro cozido e pintado com diversas côres. Quando a miseria d'estes ultimos é tão grande que lhes não permitte obterem lenha para a fogueira, e a mesquinha urna de barro para deposito das cinzas, levam então os finados para algum monte, e ahi os deixam para ser pasto das feras e das aves de rapina. No que ha uniformidade para todos, qualquer que seja a cathegoria e fortuna, é na expressão da dor e saudade quando lhes morrem os paes. Encerram-se no interior das habitações, e, durante sete dias, pranteiam incessantemente em altas e angustiosas vozes o passamento de seus progenitores, tomando em todo esse tempo escassissima refeição.

As familias abastadas, e até as que vivem em certa mediania, são servidas por escravos. As primeiras chegam a ter cem, e mais; as segundas possuem vinte, ou pelo menos dez. São tirados estes escravos da parte do paiz menos povoada e mais inhospita, onde elles vivem como selvagens, erram pelas montanhas quasi nus, e sustentando-se de hervas e raizes, ou da caça que podem apanhar. Estes miseraveis são, como outr'ora os pretos da Africa, objecto de grande commercio. Regula o seu preço, como o de qualquer genero de mercadoria, segundo a procura é maior ou menor.

Os camboyos são muito supersticiosos, como acontece a todos os povos orientaes. Ha muitos homens entre elles que se dão ao estudo da astronomia; mas, em geral, á maneira dos nossos antigos astrologos, applicam-se a predizerem os dias e horas felizes ou aziagos para se effeituar qualquer negocio ou resolução da pessoa que os consulta. Assim, tem dias felizes, indifferentes ou infelizes. A respeito de jornadas, ha dias em que só para o oriente se póde caminhar sem receio de correr perigo, e outros que são propicios unicamente para o lado do occidente.

O oriente é considerado por todo este povo como o lado mais respeitoso e sanctificado. Por este motivo tem sempre o cuidado que as suas casas e os templos fiquem com a porta voltada para o oriente.

Ha diversas cathegorias de empregados civis, militares e de justiça, vencendo salarios segundo o cargo que exercem. As mais elevadas funcções do estado

são confiadas aos membros da familia real. A cada uma d'aquellas cathegorias correspondem privilegios e distinctivos especiaes. Aos funccionarios da primeira cathegoria é permittido andarem em palanquins ou cadeirinhas doiradas, com quatro chapeos de sol com cabos tambem doirados. Aos da segunda é dado a mesma coisa, com a differença de dois chapeos de sol em vez de quatro. O mesmo aos da terceira, porém só com um chapeo de sol. Os da quarta não podem servir-se de cadeirinha; unicamente podem usar de chapeo de sol de cabo doirado. Os da quinta tem chapeo de sol com cabo prateado.

Os sacerdotes de Boudha, chamados *tchou-kou*, trazem a cabeça muito bem rapada; trajam vestes amarellas, mas andam sempre com o braço direito completamente nu. Os menos graduados cingem uma tira de panno amarello em volta da cintura e andam descalços. Quer na comida, quer na bebida, a unica abstinencia que lhes é imposta é o vinho. Os livros sagrados por onde rezam compõem-se de folhas de palmeira, dispostas com muita regularidade e escriptas com uma tinta preta, que deixa bem visiveis os caractéres, os quaes se fazem e lêem no sentido inverso d'aquelle de que usámos. Os livros não religiosos e as escripturas publicas são feitos commummente em pelle de veado, pintada e cortada do tamanho que se precisa.

Tanto nas demandas como nas causas crimes, é sempre admittido o chamado juizo de Deus para se reconhecer o culpado, quando não ha provas nem indicio certo. Assim, obrigam, por exemplo, o accusado de roubo a metter todo o braço nu em uma vasilha com azeite a ferver, na crença de que, se estiver innocente, sairá illeso. Estas fórmas de juizo variam muito, isto é, dão grande variedade aos padecimentos dos infelizes que são expostos a similhantes provas.

Aos criminosos convictos corta-se-lhes o nariz, e depois ainda se lhes infligem outros supplicios, conforme a gravidade do delicto. Aos ladrões tambem se lhes cortam as mãos e os pés. O crime de homicidio é quasi sempre punido com a morte; porém ha casos em que é permittido ao criminoso resgatar a vida com dinheiro.

A agricultura está em grande atrazo no Camboge, além de que a maior parte dos terrenos acha-se inculta. Todavia, o carro de transporte de generos e mercadorias, que se vê representado em a nossa gravura, não revela n'este ponto tanto atrazo como alguns auctores lhe attribuem; pois que se encontra n'este vehiculo duas condições das mais essenciaes que n'estes casos se podem desejar. Consistem estas em ter o carro a fortaleza necessaria para supportar bastante carga, e muita leveza para não augmentar consideravelmente aquella com o seu proprio peso. Tambem servem para a conducção de passageiros, quando não acham generos para transportar.

O Camboge faz parte na actualidade, juntamente com o Toukin, tambem chamado An-nam septentrional, com a Cochinchina e o An-nam meridional, além de outros paizes tributarios, do imperio de An-nam, fundado n'este seculo XIX pelo principe Ong-N'guyen-choung, derradeira vergontea da arvore dos reis da Cochinchina.

I. DE VILHENA BARBOSA.

DESCOBRIMENTOS DOS PORTUGUEZES NOS SECULOS XV E XVI

(Vid. pag. 19)

Estes primeiros fructos não desviam a attenção do perseverante principe do seu principal intuito. Tem elle a satisfação de fazer dobrar em 1429 o cabo Bojador. Gil Eannes, natural de Lagos, conseguiu a façanha. E façanha foi esta para epocha em que a sciencia de navegar era em demasiado atrazo para se oppor não só aos perigos visiveis, que estes eram os menos de temer, mas, e particularmente, aos perigos fabulosos que a tradição conservára e o vulgo repetia a medo; tão tenebrosos se afiguravam.

Registam as chronicas e as historias maritimas os preconceitos, não só do vulgo, ou dos menos instruidos, mas ainda de estudiosos e pensadores, de que, passando para o sul de certa latitude, a raça caucasica se tornava negra como a ethiope; de que o mar era tão baixo, que nenhum navio o podia navegar, formando apenas um vasto parcel; não faltando tambem a affirmativa de que o ardor do sol se tornava tão intenso, que ninguem podia viver em taes latitudes. Finalmente, ainda se juntava a este desanimador quadro de receios o boato de visões e phantasmas, com todos os correspondentes attributos do sobrenatural, e com todas as imaginações mais do que sufficientes para intimidar então os mais esforçados. Foi, pois, uma façanha este conseguimento de Gil Eannes, e façanha egualada aos trabalhos de Hercules.

Em 1431 sae do Tejo Gonçalo Velho Cabral a descobrir terras para oeste. Chega ás Formigas, e com esta novidade vem para Lisboa. Volta no anno seguinte áquellas paragens, e aporta á ilha que denomina de Santa Maria. Agita-se o povo de Lisboa sobre a conveniencia dos descobrimentos, oppondo razões de peso e gravidade áquellas que lhe apresentam de seductora vantagem. Peleja-se a infausta batalha de Tanger. E por estas razões, ou por se entregar unicamente a Deus e a esta religião que se chama amor da patria, o duque de Vizeu sequestra-se ao bulicio do mundo, deixa a capital, e vae fundar no *Sacro Promontorio* a primeira eschola de nautica e o primeiro observatorio, primeiros não só de Portugal, como dizem escriptores portuguezes, primeiros da Europa, como accordes testimunham em quasi unanimidade os historiadores estrangeiros.

Levantada a Villa Nova do Infante, reunidos em Sagres os mais esclarecidos varões, alli se discutem as theorias mais adiantadas e se lançam os primeiros fundamentos do mais vasto imperio colonial; e d'alli partem ousados Antão Gonçalves, Diniz Fernandes e Nuno Tristão. Descobrem o Senegal, passam Cabo Verde e chegam ao Gambia. Tambem d'alli sae Luiz Cadamosto, veneziano ao serviço de Portugal, que aporta ás Canarias e chega ás ilhas de Cabo Verde. Gonçalo de Cintra deixa o seu nome á bahia onde deixa a vida pelejando em traiçoeiro e desegual combate com os indigenas. Soeiro Mendes levanta o castello de Arguim.

Somos chegados a uma epocha fatal. O excelso infante D. Henrique baixa á sepultura. *Mas não morre, porque homens como D. Henrique não morrem.* D'além da campa continúa a vigiar, proteger e guiar os portuguezes. E se a morte em captiveiro de seu irmão, o infante santo, devia de ser nuvem negra a escurecer-lhe os derradeiros momentos, as ilhas da Madeira, dos Açores, e dezoito graus da terra africana, seríam outros tantos astros a illuminar-lhe o caminho da eternidade e a apontar-lhe a futura grandeza de Portugal. Repousa o inclito varão. Sirva-lhe de funebre distico o *moto* predilecto: e *talent de bien faire* seja o epitaphio do immortal infante D. Henrique.

Proseguem os descobrimentos. Pedro de Cintra chega ao cabo de Santa Maria. Pedro Escobar e João de Santarem vão á Mina. Deixa Lopo Gonçalves o seu nome ao cabo que avista. Fernando Pó descobre as ilhas de S. Thomé, do Principe, de Anno Bom, e a Formosa, que depois tomou o seu nome. Manda el-rei D. João II a Diogo de Azambuja que levante o castello de S. Jorge da Mina, e expede Diogo Cam para proseguir no reconhecimento da costa. Em 1484 acerta Diogo Cam

com o rio Zaire, desembarca na margem do sul, e, tomando conta das terras adjacentes em nome do rei de Portugal, alli assenta um padrão em signal da sua passagem, e para assegurar no futuro a posse que hoje nos pretendem contestar. Ainda em 1859, passados 375 annos, tivemos o gosto de ver e tocar o pouco que existia de tão valiosa reliquia. Seguiu Diogo Cam para o sul, e no cabo Negro levantou padrão egual ao que deixára no Zaire ou Congo.

Mas el-rei D. João II havia comprehendido o previdente intuito do infante D. Henrique; conhecêra toda a vantagem e medira todo o alcance do emprehendimento d'aquelle glorioso principe. Ambicionava elle chegar á India. Á India, ao paiz das maravilhas. Á India tão fabulosamente descripta. Á India sem passar por terras do arabe ou do persa, e sem necessitar dos navios de Veneza. Rasgado se offerecia já então o horisonte. Devassados os mares até ao cabo Negro, eram vasto campo para largas experiencias e pleitos de ardidez. Se os navios sulcam as aguas em porfiosa procura do extremo ponto de Africa, embaixadores mais ou menos officiosos são mandados por terra com apertadas instrucções e direcção indicada em busca das terras do Preste João das Indias. Archiva a historia os nomes de Pero da Covilhã, ou João Peres da Covilhã, e de Affonso de Paiva, como dois d'estes devotados emissarios.

Somos chegados ao anno de 1486. Bartholomeu Dias, Pedro Dias (seu irmão) e João Infante saem de Lisboa em tres navios; demandam o rio Zaire; seguem para o sul; assentam o padrão de S. Thiago na Serra Parda ou Rosto de Pedra; surgem na angra que denominam *das Voltas*, pelos muitos bordos que fazem infructiferamente para montar a ponta do sul, a qual guarda ainda hoje o primitivo nome — *cabo das Voltas*. Correm d'alli para o sul, e quando, passados treze dias, governam a léste, alguns mais dias se passam sem darem vista da terra. Navegam então para o norte e ferram a bahia dos Vaqueiros. Costeiam a terra, e, avistando um ilheu, n'elle deixam o padrão que lhe dá o nome da *Cruz*. Consegue Bartholomeu Dias, contra a mór parte dos votos, continuar para o norte, e, entrando primeiro o navio *S. Pantaleão* n'um rio, alli fundeiam. *De João Infante* se fica chamando este rio, nome do commandante do *S. Pantaleão*, e não, como diz um auctor estrangeiro, de ser o nome do infante D. João, que, segundo o mesmo auctor, ia n'esta viagem.

Quer Bartholomeu Dias levar por diante a empreza, proseguindo a navegação ao longo da costa; não lh'o consentem, porém, os seus companheiros, e, unanimes em seus votos, obrigam o intrepido descobridor a dar as velas ao vento em direcção á patria. Alguns dias depois avista um formidavel cabo, e, pelas tormentas que o assaltam proximo a elle, chama-lhe *cabo Tormentoso*. Assente n'aquellas immediações o padrão de S. Filippe, e tocando em differentes pontos, vem finalmente largar ancora no Tejo.

Bartholomeu Dias dobrára o extremo de Africa. Conseguíra vencer a empreza de 75 annos de trabalho. El-rei D. João II avisadamente substitue o nome de *Tormentoso*, dado pelo ousado navegador ao temivel cabo, pelo de *Boa Esperança*. Previdente signal de quantas esperanças lhe surgiam na mente e no coração. Previdente resolução para despertar arrojos e afugentar temores. Mas, assim como o cabo da Boa Esperança havia de fazer esquecer o das Tormentas, e Vasco da Gama sobrepujar a gloria de Bartholomeu Dias, assim tambem ao sr. D. João II não pertencia mais do que dizer á Europa que havia outro caminho para a India. Ao rei *venturoso* cumpria aproveitar os aprestos, proseguir no emprehendimento e receber os feudos do Oriente.

(Continúa) ANTONIO FILIPPE MARX DE SORJ.

BRASIL

Fundação da fortaleza e colonia do Sacramento; discordias que se originaram entre Portugal e Hespanha; os differentes tratados celebrados para regular essa questão; demarcação de limites e padrões levantados como balisas d'essa divisão territorial.

Expulsos do Brasil os hollandezes, foi assegurada a posse pacifica d'esta vasta região para a corôa portugueza, pelo tratado de 6 de agosto de 1661, celebrado com as provincias unidas da Hollanda. Depois fez-se a paz com a Hespanha, pelo tratado de 13 de fevereiro de 1668, ao cabo de 27 annos de guerra.

O governo portuguez, vendo-se então desassombrado dos cuidados em que o traziam tão porfiosas luctas, começou a estender as suas vistas e a sua acção governativa sobre aquella parte longinqua da monarchia, que tão cubiçada e disputada lhe fôra pelos francezes e hollandezes, e que tantas prosperidades promettia aos que se resolvessem com sincero empenho a fecundar com o trabalho aquelle solo virgem, que a natureza tão prodigamente dotára.

Empunhava então o leme do estado o principe D. Pedro, na qualidade de regente do reino em nome de seu desditoso irmão, el-rei D. Affonso VI, que fôra deposto do throno por uma conspiração do paço, e se achava privado da liberdade.

Entre as diversas providencias concebidas pelos ministros do regente relativamente ao Brasil, a mais notavel foi o projecto de levantar uma fortaleza e fundar uma colonia na margem esquerda do rio da Prata.

Dois fins se levavam em vista com esta empreza: o 1.º erguer alli um padrão que marcasse aquella margem como limite do lado do sul das possessões portuguezas na America; 2.º estabelecer uma praça de guerra que, além de firmar o direito á posse do paiz, servisse de velar pela sua manutenção, e de o defender pela força em caso de necessidade.

Achando-se estipulado no tratado de 1668 acima referido, que a provincia de S. Vicente seria como a balisa do Brasil do lado do Paraguay, aquelle procedimento não podia parecer leal, assim como o tempo veiu demonstrar que tambem não foi politico.

Se com effeito Portugal tinha jus á posse d'aquelles territorios banhados pelo rio da Prata, muito mais bem avisado andaria, certamente, o governo portuguez se, chamando a attenção do gabinete de Madrid para essa questão de limites, tratasse de comprovar digna e pacificamente a justiça que lhe assistia em tal pretenção. Se este procedimento é o que mais quadra ao decoro de qualquer nação, por mais poderosa que seja, é fóra de dúvida que para as nações pequenas é não sómente o mais honroso, mas tambem o que lhe é aconselhado por todos os seus interesses, e ainda mais se se conservam abertas e sangrando as feridas que receberam em longa e encarniçada lucta. De se afastar d'estes principios, Portugal só tirou, como vamos ver, perdas e desaires.

Em virtude das ordens expressas que levára de Lisboa, o mestre de campo e governador do Rio de Janeiro, D. Manuel Lobo, aprestou-se e foi expedida para o rio da Prata uma frota com todo o material, provisões e pessoal necessarios para a construcção, armamento, aprovisionamento e guarnição de uma fortaleza.

Apesar do segredo que se poz nos preparativos d'esta expedição, houve quem levasse a noticia d'elles ao governador hespanhol do Paraguay, D. Filippe Rego Corbelon. Cuidou immediatamente este funccionario de se informar da exactidão da noticia, mandando para esse fim emissarios de confiança ao Rio de Janeiro.

Em quanto estas coisas se passavam, largára a frota do Rio de Janeiro; surgíra no rio da Prata sem os hespanhoes darem por tal; aproximára-se, em certo ponto, da margem septentrional, onde fundeou; lançára em terra material e gente, e esta começára com

incrivel actividade a levantar alli uma fortaleza (setembro de 1679).

Eis a historia da fundação da fortaleza e colonia do Sacramento, que tão celebres se fizeram pelas discordias e luctas que se originaram entre as coroas de Portugal e Castella.

O governador do Paraguay, quasi ao mesmo tempo que recebeu a resposta dos seus emissarios, soube do resultado da expedição portugueza. Desenvolvendo então a maior energia, reune as tropas regulares de que podia dispor, alista e arma alguns paizanos, e convoca os jesuitas das missões do sertão para que venham auxilial-o com os seus aguerridos gentios. Antes, porém, que rompesse hostilidades, tentou os meios de conciliação, representando ao governador da nova colonia e fortaleza do Sacramento, que similhante fundação era contraria ao tratado de 1668, e que n'estas circunstancias não podia deixar de a considerar como uma declaração de guerra. Fazendo uma larga exposição dos direitos da Hespanha áquelle territorio, e lembrando os prejuizos e sacrificios que as duas nações padeceram durante a prolongada lucta que as desuniu, acabava por lhe pedir que, no interesse de ambas as potencias, que tanto precisavam de paz, houvesse de desistir da empreza e evacuar aquelle territorio.

A resposta foi negativa, como não podia deixar de o ser, pois que o governador portuguez não fazia mais que cumprir á risca as ordens terminantes do seu soberano. Porém, quando este official, depois de dispor todas as coisas para a mais porfiosa resistencia, julgava que os hespanhoes, em consequencia d'aquella repulsa, se estavam apromptando para a guerra, foi acordado ao alvorecer do dia pela grita e confusão de um subito ataque á fortaleza.

Com tanta diligencia foram conduzidos os trabalhos, que a esse tempo, correndo já em mais de meio o anno de 1680, se achavam concluidas todas as obras de fortificação e collocados os canhões nos seus logares. Tudo isto, porém, foi inutilisado pela falta de vigilancia da guarnição e pelo improviso do accommettimento. As sentinellas deram pelo inimigo quando o viram galgar as muralhas e lançar mão da bandeira portugueza.

Apesar da guarnição ter sido colhida de sobresalto, e de se achar doente de cama o governador da fortaleza, o que muito contribuiu, sem dúvida, para o bom successo das armas inimigas, a defensa foi tenaz, desesperada, e, póde-se dizer, heroica. Assim que os nossos se convenceram de que era impossivel vencer, tratou cada um de salvar a honra do nome portuguez, vendendo caras as vidas.

N'este memoravel conflicto brilhou um acto de singular valor e coragem de uma dama portugueza, acto de verdadeiro heroismo, a cuja narração não podêmos resistir, sem embargo de irmos bastantemente apressados n'esta digressão historica.

Em razão da doença do governador, fazia as suas vezes o capitão Manuel Galvão. Era este official valente e bravo de sua propria condição; mas, na conjunctura em que se via, excitavam-lhe a bravura os mais poderosos estimulos que podem actuar no peito do militar pundonoroso. Á sua falta de zelo na vigilancia da praça podia-se attribuir, e de certo elle proprio attribuia, todos aquelles desastres, a que ia pôr o ultimo remate a perda da fortaleza, a destruição da colonia. Esta idéa, armando-lhe o braço de força desusada, e accendendo-lhe n'alma o fogo da desesperação, impellia-o, cego e furioso, através dos inimigos que de todos os lados o cercavam.



Padrões de limites territoriaes entre o Brasil e as antigas possessões de Hespanha na America

Em quanto o brioso capitão fazia prodigios de valor em lucta tão desegual, sua esposa, D. Joanna Galvão, que o seguíra desde o principio do combate com uma espada em punho, pelejava a poucos passos do esposo com animo e esforço varonis. Vendo, porém, D. Joanna que seu infeliz marido acabava de succumbir, caindo sem vida, com o corpo todo crivado de balas e atravessado de golpes, rompe pelo meio dos combatentes como uma leoa a quem acabavam de arrancar um filho.

A intrepida matrona, que até alli corrêra os perigos e azares da guerra com o pensamento fito na honra compromettida do esposo, vendo-o agora exanime, não pensa em mais que em abrir caminho com a sua espada para ir morrer ao lado d'aquelle que tanto amára. E protegeu-a a sorte, ao menos, sequer, n'esta derradeira vontade. Era mister luctar com os que saíram a embargar-lhe o passo; mas tal coragem e esforço tirou da dor da viuvez e das saudades do consorte, que conseguiu, já quasi exangue, ir morrer abraçada com elle!

Os portuguezes tiveram perto de 300 mortos, ficando prisioneiro o resto da guarnição. A perda dos hespanhoes foi de uns 250 homens entre mortos e feridos.

Assim correu o primeiro acto d'esse extenso drama denominado — questão da colonia do Sacramento. Esboçando, porém, este quadro, não é nosso intento historiar as differentes peripecias d'essa grande questão, que por tantas vezes se agitou, inflammando as paixões entre os dois povos da peninsula, no longo curso de quasi seculo e meio.

O nosso proposito restringe-se unicamente a pôr os nossos leitores ao facto da origem da questão e das suas principaes phases diplomaticas até ao ponto em que o governo del-rei D. João v, abandonando as suas antigas pretenções, e em execução de um tratado de limites, mandou levantar na fronteira do sul do Brasil os padrões de limites representados na gravura que acompanha este artigo.

(Continúa) I. de Vilhena Barbosa.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa Vista — palacio do conde de Sampaio